

#cm

2

FIM DE SEMANA

# SE O TEMPO É REI, O TEMPO É GIL

No fim de semana em que encerra com show em São Paulo a turnê 'Tempo Rei', que marca sua despedida dos palcos, Gilberto Gil tem sua trajetória celebrada em maratona de três dias de shows, documentários e programas no Canal Brasil.  
Página 2



# Imersão total no mundo do artista

Divulgação/Amazon Prime Video

Canal Brasil promove a Maratona Universo Gilberto Gil e exibe documentários, shows e programas entre 28 e 30 de março, marcando o encerramento da turnê 'Tempo Rei', a última do compositor baiano



A equipe liderada pelo diretor Andrucha Waddington acompanhou os shows e os bastidores da turnê de Gilberto Gil com a família

## AFFONSO NUNES

**G**ilberto Gil faz neste sábado (28), no Allianz Parque, em São Paulo, o último show da turnê de despedida "Tempo Rei". Esta apresentação encerra uma trajetória de mais de 60 anos de palco, com um show especial reunindo a "família musical" do artista. O show de encerramento celebra a trajetória do cantor, após uma série de apresentações marcadas por participações especiais e emoção. A turnê percorreu diversas cidades, acumulando mais de 620 mil espectadores.

O Canal Brasil marca o encerramento da turnê com uma programação de três dias dedicada ao artista. Entre os dias 28 e 30 (segunda-feira), sempre a partir das 16h, a emissora apresenta a maratona Universo Gilberto Gil, uma seleção de documentários, shows e programas que percorrem diferentes períodos da carreira do compositor baiano.

A programação reúne títulos que cobrem desde os primeiros passos de Gil até suas experimentações mais recentes. No sábado, o dia abre com episódios de "Espelho: Gilberto Gil" e "Zoombido", programas que exploram seu pensamento e processo criativo. Em seguida, "Amigos, Sons e Palavras" traz episódios especiais de melhores momentos, seguidos pelo documentário "Gilberto Gil – Tempo Rei", produzido por Lula Buarque



Gal Costa, Gilberto Gil, Maria Bethânia e Caetano Veloso: os Doces Bárbaros

de Hollanda e Andrucha Waddington em 1996. O dia se encerra com "Os Doces Bárbaros", registro de 1976 do encontro histórico entre Gil, Caetano Veloso, Maria Bethânia e Gal Costa — um dos marcos da música brasileira dos anos 1970.

No domingo (29), a curadoria se concentra na construção musical de Gil e sua relação com movimentos artísticos. "O Som do Vinil" dedica dois episódios ao álbum "Tropicália ou Panis et Circencis", de 1968, considerado o marco inicial do movimento tropicalista liderado por Gil e Caetano Veloso. Um terceiro episódio do programa revisita os álbuns "Refazenda" (1975), "Refazenda"

(1977) e "Realce" (1979), traçando um panorama de sua carreira. O documentário "Viva São João", dirigido por Andrucha Waddington, acompanha Gil em imersão cultural pelo Nordeste, conectando sua obra à tradição popular. O dia ainda traz o show "Kaya N'Gan Daya", homenagem ao reggae de Bob Marley, e o filme "Corações a Mil", que mistura ficção com bastidores da música.

Na segunda-feira (30), a programação se encerra com novos episódios de "Amigos, Sons e Palavras" e dois capítulos de "O Som do Vinil" dedicados ao álbum "Gilbertos Samba", tributo de Gil a João Gilberto e à bossa nova. O fechamento fica por conta de "Filhos de Gandhi", documentário que apresenta a



Gilberto Gil durante o show 'Refestança'

história do tradicional afoxé baiano, reforçando a ligação de Gil com a cultura afro-brasileira e suas raízes políticas e espirituais.

A programação televisiva é complementada por um trilho temático no DOC Canal Brasil, disponível no Prime Video entre 21 e 31 de março. A seleção no streaming reúne os mesmos documentários e shows exibidos na TV, além das três temporadas de "Amigos, Sons e Palavras" e o documentário "Pierre Fatumbi Verger – Mensageiro entre Dois Tempos", com narração de Gilberto Gil. A iniciativa amplia o acesso do público ao legado do artista em diferentes plataformas, permitindo que espectadores acompanhem a retrospectiva em seus próprios horários.

A escolha de marcar o encerramento da turnê "Tempo Rei" com essa curadoria reflete a importância de Gil na história cultural brasileira. Seus trabalhos abrangem desde a música popular até documentários sobre tradições afro-brasileiras, passando por experimentações com reggae e releituras de clássicos. A maratona oferece uma oportunidade para o público revisitar esses diferentes momentos e compreender como a obra do compositor dialoga com movimentos sociais, políticos e culturais que marcaram o Brasil nas últimas cinco décadas.

## SERVIÇO

### UNIVERSO GILBERTO GIL

Canal Brasil  
De 28 a 30/3, a partir das 16h



Blitz volta ao Circo Voador com as novidades da turnê 'Agora é a Hora' e 40 anos de seu rock irreverente

# Sempre é hora de Blitz

AFFONSO NUNES

**N**os anos 1980 o rock brasileiro explodia nas paradas. A ditadura militar agonizava e a liberdade gritava. Bandas de todas as matizes surgiam, com várias propostas, mas nenhuma foi tão solar quanto a Blitz. E por mais que o cenário musical tenha mudado, essa banda carioca, alegre e plural, segue tocando, provando que há público e demanda para sua mistura de som, atitude e irreverência.

O grupo volta ao Circo Voador neste sábado (28) com show da turnê "Agora é a Hora" — um nome que resume bem o momento da banda que, há mais de 40 anos, não para de se mover. Desde que surgiu no Rio no começo dos anos 1980, a banda liderada por Evandro Mesquita construiu uma trajetória que mudou o mapa do rock brasileiro, e agora segue em jornada pelas principais cidades do país, levando sua mistura de rock, funk, reggae, samba, soul e blues — um caldeirão sonoro que virou marca registrada.

Com origem no grupo teatral Asdrúbal Trouxe o Trombone, a Blitz nasceu sob a lona do Circo Voador, na praia do Arpoador. Foram necessários apenas três meses para se transformar na sensação do mercado fonográfico brasileiro nos anos 1980. Em plena crise do setor, atingiram a marca impressionante

de um milhão e meio de cópias vendidas com o compacto "Você não soube me amar". O LP "As Aventuras da Blitz" vendeu ainda mais que o compacto, consolidando o fenômeno.

A história da Blitz é a história de uma geração que decidiu contar suas histórias através da música. Quando lançaram seu primeiro hit ninguém imaginava que aquela mistura irreverente de gêneros e atitude, com pitadas de história em quadrinhos, iria sacudir o Brasil. Mas foi o que aconteceu. A banda não apenas conquistou as rádios e as gravadoras — mudou o panorama delas. Fizaram shows do Oiapoque ao Chuí, com apresentações que entraram para a história, entre as quais a participação no primeiro Rock in Rio, em 1985, e um show memorável na Praça da Apoteose, quando foram a primeira banda a se apresentar naquele palco para mais de 50 mil

pessoas.

O retorno ao Circo Voador é sempre especial para o grupo, desde suas origens. "Blitz no Circo Voador é tradição desde 1982! Nossa estréia, nossa casa! Sempre com shows históricos, antológicos! É palco que cabe todas as intervenções teatrais e musicais da Blitz e nesse sábado iremos com tudo pra mostrar o que já fizemos e o que estamos fazendo agora com a força da estrada do mundo que rodamos", convoca Evandro. "Blitz no Circo Voador é parada obrigatória para 'cariocas' de todo Brasil", acrescenta.

Para o vocalista, o espaço histórico da Lapa representa muito mais que um palco — é um lugar onde a banda sempre encontrou sua gente, onde suas intervenções teatrais e musicais encontraram ressonância.

A turnê "Agora é a Hora" marca um retorno significativo da banda aos palcos, reafirmando sua rele-

vância em um cenário que mudou muito desde aqueles anos 1980. Enquanto muitas bandas daquela época desapareceram ou se tornaram relíquias do passado, a Blitz segue tocando, levando para o público seus clássicos — "A Dois Passos do Paraíso", "Mais Uma de Amor" e tantos outros — que gerações inteiras aprenderam a cantar.

No palco, Evandro Mesquita (vocal, guitarra e gaita), Billy Forghieri (vocal e teclados) — membros da formação original — mantêm a pegada do grupo tendo agora a companhia de Juba (bateria e vocal), Sara Roseback (baixo e vocal), Andréa Coutinho (backing vocal), Nicole Cyrne (backing vocal) e Mafram do Maracanã (percussão e vocal) para desfilarem um repertório que virou patrimônio cultural do rock brasileiro.

Mas nem só de velhos sucessos vive a Blitz. Evandro em sua trupe

seguem criando. Em 2023, estreou no selo Biscoito Fino com o álbum "Supernova", novo álbum da Blitz. Com 14 faixas, algumas delas já lançadas como singles, trata-se o primeiro álbum de inéditas desde "Aventuras II" (2017). Em 2025, lançou "Nudusoutros", um delicioso trabalho de releituras de grandes sucessos da MPB com o jeito Blitz de ser. Tem "Sentado à Beira do Caminho", de Roberto e Erasmo Carlos; "Sujeito de Sorte", de Belchior; "Nega Dina", de Zé Kétti; e outras versões improváveis.

A noite começa com a **Quarto 17**, grupo formado em 2024 por jovens músicos — Alice Mesquita (vocal), Eduardo Regadas (guitarra), Marcelo Ferreira (guitarra), Marianna Palermo (baixo) e Miguel Goldberg (bateria) — que trazem um repertório que vai de rock alternativo autoral ("Slow Dance in the Milky Way") a releituras de clássicos de Radiohead, Beatles, The Goo Goo Dolls, Novos Baianos e Charlie Brown Jr. Antes e depois dos shows, DJ Marscon Muller comanda a pista.

## SERVIÇO

### BLITZ | Turnê "Agora é a Hora"

Local: Circo Voador — Rua dos Arcos, s/nº, Lapa, Rio de Janeiro

Data: Sábado, 28 de março de 2026

Abertura dos portões: 20h

Ingressos:

Meia-entrada: R\$ 80

Inteira: R\$ 160

# Unidos pelo pagode

AFFONSO NUNES

Um é carioca da Zona Oeste; ou outro, paulista do do ABC. Mas quem os viu cantando juntos na cerimônia do Prêmio da Música Brasileira de 2023 logo percebeu que aquela junção de palco iria dar samba, ou melhor pagode! Ferrugem e Péricles chegam à Farmasi Arena neste sábado (28) com show da turnê “As Vozes”, o encontro de duas gerações que cantam as dores e amores como poucos.

Péricles Aparecido Fonseca da Faria, nascido em Santo André em 1969, começou sua trajetória como vocalista do Exaltasamba, uma das bandas mais respeitadas da história do samba brasileiro. Com 40 anos de carreira, acumulou mais de 1,5 bilhão de visualizações no YouTube, 6,6 milhões de ouvintes mensais no Spotify e mais de 15 milhões de discos vendidos. Venceu o Grammy Latino em 2011 e, desde 2012, segue carreira solo com projetos que consolidaram seu lugar na música popular: “Pagode do Pericão”, “Céu Lilás” e “Calendário” são marcos de uma trajetória que fez dele referência para as gerações de pagodeiros.

Um exemplo dessa influência é

O carioca Ferrugem e o paulista Péricles juntam suas vozes neste sábado na Farmasi Arena

justamente Ferrugem. Nascido na Zona Oeste como Jheison de Souza, o artista começou cedo: aos 13 anos já cantava e tocava tantã nas rodas de samba cariocas, influenciado pela mãe que fazia backing vocal para Tim Maia e outros artistas. O estouro veio em 2015 com “Climatizar”, que abriu portas para uma carreira em ascensão. Hoje ultrapassa 9,4 bilhões de reproduções nas plataformas digitais, com quase 10 milhões de ouvintes mensais no Spotify. Sucessos como “É Natural”, “Pirata e Tesouro” e “Apaguei Pra Todos” consolidaram seu lugar na cena pagodeira e seu recente single “Arrendidaço” figura entre as faixas mais ouvidas do Brasil.

A turnê conjunta nasceu de uma



Ferrugem e Péricles iniciaram turnê conjunta em outubro e agora seguem pelo país

amizade de anos e de uma pergunta simples: por que não unir as vozes? O projeto foi anunciado oficialmente em outubro de 2025, junto com o lançamento do single “Foguete”, e estreou em Recife no dia 21 de março com grande público. Agora chega ao Rio em um espetáculo construído a partir de seus sucessos e de canções inéditas que ainda vão lançar juntos.

Para Ferrugem, a parceria é uma realização pessoal. “Cresci ouvindo o Péricles, me inspirando nele, aprendendo com cada música, cada interpretação. Estar agora ao lado dele nessa turnê é mais do que um momento da minha carreira, é um sonho realizado. A gente está preparando vários lançamentos juntos e um grande show com verdade, respeito e entrega”, destaca o cantor,

que acaba de lançar seu décimo álbum de estúdio, “Sentimento”.

## SERVIÇO

### PÉRICLES E FERRUGEM - AS VOZES

Farmasi Arena (Av. Embaixador Abelardo Bueno, 3.401, Barra da Tijuca) 28/3, a partir das 22h Ingressos a partir de R\$ 90



Suricato estreia novo show

## Um músico que honra suas raízes

Suricato leva repertório de rock e blues ao palco do Blue Note Rio

Rodrigo Suricato chega ao Blue Note Rio nesta sexta (27), às 22h30, para um encontro com suas raízes. O vocalista e guitarrista do Barão Vermelho, que venceu o Grammy Latino em 2015 e foi indicado novamente em 2019, apresenta “The Blues Rock Experience” — um projeto que o leva de volta aos compositores que moldaram sua linguagem musical: Jimmy Hendrix, Eric Clapton, BB King e outros mestres do estilo.

“Cantar músicas alheias foi

essencial na construção da minha identidade artística. Revisitar esse lugar, com essa identidade já formada, honra minha história”, comenta.

Produtor musical e guitarrista que começou sua carreira liderando a banda Suricato, projeto que o levou à final do programa SuperStar. Desde 2017, integra o Barão Vermelho como vocalista e guitarrista, escrevendo sua própria história no lugar que já foi ocupado por Cazuza e Roberto Frejat.

Com o grupo, participou de projetos colaborativos como “Barão e Você”, que resgatam a expressão da juventude dos anos 1980, quando a banda foi criada.

“The Blues Rock Experience” representa um retorno de Suricato às influências que definem sua trajetória. Ao lado dos músicos André Carvalho (bateria), Cesar Lago (baixo) e Marcio Loureiro (piano Rhodes e Hammond), o artista passeia por clássicos do gênero, reinterpretando composições que atravessam décadas. O repertório vai das sessentistas “Proud Mary” (Creedence Clearwater Revival) e “California Dreamin’” (The Mamas & The Papas) até blues tradicionais como “Deep In My Soul” (Deadric Malone/Joseph Scott). (A.N.)

## SERVIÇO

### RODRIGO SURICATO — THE BLUES ROCK EXPERIENCE

Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1.702, Copacabana) 28/3, às 22h30 Ingressos a partir de R\$ 60

# Menestrel do zodíaco

Oswaldo Montenegro põe sua 'Danças dos Signos' em novo movimento, celebrando seus 70 anos a (en)cantar, fazendo do Vivo Rio, nesta sexta e sábado, palco para seus parabéns

**RODRIGO FONSECA**

Especial para o Correio da Manhã

**S**e você estiver de bode com camaradas de sua juventude, Oswaldo Montenegro dá jeito... é só ouvir a canção "A Lista". Aquela que canta "Faça uma lista de grandes amigos/Quem você mais via há dez anos atrás?/Quantos você ainda vê todo dia?/Quantos você já não encontra mais?". Se o seu problema for amor romântico, o menestrel resolve também. É só escutar "amava ter no coração/a certeza ventilada de poesia/de que o dia amanhece, não", verso da rasga-miocárdio "Lua e Flor". Oswaldo dá jeito em muita coisa.

Até cinema ele fez... e bem... ao transpor seu sucesso "Leo e Bia" para as telonas, em 2010, trafegando pelo posto de cineasta. Oswaldo só não dá jeito na falta que a gente sente dele... nem no jeito com que suas músicas grudam no tímpano e na alma da gente. Para isso, o jeito é vê-lo cantar e tocar. Nesta sexta e



Teca Lamboglia/Divulgação

Oswaldo Montenegro volta ao palco do Vivo Rio com sua 'Dança dos Signos' e outros sucessos

sábado (27 e 28), o encontro com o bardo é no Vivo Rio, às 21h.

É a estreia da nova turnê de seu espetáculo "A Dança dos Signos", nos palcos cariocas. É também uma forma de comemorar... ainda

que tardiamente... seus 70 anos. O aniversário foi no dia 15, mas os parabéns ainda estão valendo, assim como o coro em seus hinos afetivos... assim como os pedidos de "Bis!" e os aplausos.

Ao lado do multiartista, que canta, compõe, arranha um vilão (ô se arranha!) e filma, estarão Madalena Salles (flauta), Alexandre "Meu Rei" (guitarra) e Janaína Salles (violoncelo). Essa turma contra-

cena com um telão cinematográfico e um elenco de intérpretes dos mais variados. Dessa interação inédita ressurgiu a "Dança dos Signos", remontagem do experimento teatral musical que lotou teatros e encantou plateias pelo Brasil.

Seu pano foi aberto em 1982, no Rio. Permaneceu com as cortinas escancaradas por anos a fio, rendendo, no mesmo ano de sua estreia, um LP homônimo, bom à beça de vendas, com hits tipo "Áries", cuja letra diz "Do carneiro apaixonado/tem em Marte seu designo/e no fogo seu reinado/nas estrelas seu delírio/ seu amor enciumado".

Entre menções a um signo e outro, no palco, Oswaldo agora bate papo com o público, falando sobre figuras icônicas de cada casa zodiacal, cantando ou fazendo citações instrumentais de alguns deles. O enredo também passa por joias de seu repertório como "Bandolins".

## SERVIÇO

### OSWALDO MONTENEGRO - DANÇA DOS SIGNOS

Vivo Rio (Av. Infante Dom Henrique, 85 - Parque do Flamengo) | 27 e 28/3, às 21h  
Ingressos a partir de R\$ 140 e R\$ 70 (meia)

## ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

### Victor Biglione celebra legado de Luiz Bonfá

O guitarrista Victor Biglione retorna ao Blue Note Rio neste sábado (28) com repertório em tributo a Luiz Bonfá. A apresentação, com participação especial de Julie Wein e Vitor Vieira, celebra os maiores sucessos do mestre das doze cordas. Biglione lançou recentemente o álbum "Nos Tempos do Jacarandá", com nove faixas instrumentais que exploram a técnica inigualável que caracterizou a obra de Bonfá.



Divulgação

### Tudo é som com Celso Fonseca

Celso Fonseca estreia nesta sexta (27), às 20h30, o projeto "Tudo É Som" no palco do Manouche em apresentação dedicada à música ao vivo. O cantor, compositor e instrumentista apresenta repertório especialmente criado com releituras, temas instrumentais e momentos de improviso que recriam o clima dos encontros musicais. Celso Fonseca é um dos nomes mais sofisticados da MPB.



Divulgação

### Ludom lança novo álbum no Rival Petrobras

A cantora e compositora Ludom apresenta seu segundo álbum no Teatro Rival Petrobras na sexta-feira, às 19h30. O show "Intensa" é concebido como experiência de baile que percorre grooves de R&B, reggae, MPB e afrobeats. Historiadora formada pela Uerj, Ludom é reconhecida internacionalmente e já se apresentou em festivais como o Brasil Summerfest, em Nova York (EUA).



Divulgação

### Ecos do Barroco com o Quarteto Soneto Proemio

O Quarteto Soneto Proemio apresenta-se no Espaço Cultural BNDES nesta sexta (27), às 19h. Formado pelos alaudistas Alexandre Ribeiro e Bruno Inácio, e pelas cantoras Aymée Wentz e Ivy Szot, o grupo resgata canções de amor compostas por mulheres no barroco inicial. O espetáculo revela vozes historicamente marginalizadas, explorando temas como sofrimento, desejo e devoção.



Divulgação

## SÓ CARIOQUICES

por FRED SOARES (@FREDAOSOARES)



Beth Carvalho entre Arlindo Cruz e Almir Guineto na Ala do Banjo da Império Serrano

## Um império entre o cais e a avenida

**HÁ FUNDAÇÕES QUE SE ANUNCIAM EM ATA.** Outras, em levante. O Império Serrano nasceu assim: não como convite, mas como resposta. Em 1947, na Serrinha, um grupo de homens - e, sobretudo, uma mulher, Eulália Nascimento, a Tia Eulália - decidiu que já não carregaria o peso do desmando. Eram estivadores, em sua maioria, gente do cais, vinculada ao Sindicato dos Arrumadores do Porto - homens que sabiam organizar cargas, mas, sobretudo, sabiam perceber quando a balança estava injusta.

**ATÉ ENTÃO, MUITOS DELES DESFILAVAM** pelo Prazer da Serrinha, fundado em 1930. Mas o samba, ali, já não era o mesmo. Não por falta de talento - este sobrava -, mas por falta de rumo. E quando o rumo falta, o povo cria caminho.

**A DISSIDÊNCIA NÃO FOI UM CAPRICHIO.** Foi um gesto político, ainda que embalado em tamborim. Nomes como Silas de Oliveira, Eloi Antero Dias, Sebastião Molequinho e Mestre Fuleiro entenderam que não bastava desfilar - era preciso agir. **E ASSIM, ENTRE A POEIRA DA SERRINHA** e a dignidade ferida, fundaram um império que não tinha coroa sobre a cabeça de ninguém, mas tinha consciência.

**HAVIA ALI UMA INVERSÃO BONITA:** homens do porto, acostumados a ver navios partirem, decidiram ancorar uma ideia. Transformaram o ritmo em linguagem, o desfile em narrativa, o samba em instrumento de memória. O Império Serrano não queria apenas vencer carnavais - queria contar histórias que o Brasil esquecia de contar. E contou.

**DEPOIS DE UM TEMPO SEGUINDO A** cartilha chapa-branca que dominava o carnaval carioca, a verde e branco passou a investir em enredos que falaram de heróis populares, de episódios negligenciados, de um país que se constrói longe dos palácios. Na avenida, o Império não pedia licença: ensinava. Mostrava que o samba pode ser também pensamento - crítico, elegante, necessário.

**TALVEZ POR ISSO SUA TRAJETÓRIA** seja feita de ciclos, como a própria história social que o gerou. Porque quem nasce de uma ruptura carrega consigo a inquietação permanente. O Império nunca foi escola de acomodação. Foi escola de identidade.

**AGORA, AOS 79 ANOS, COMEMORADOS** na última segunda-feira, já atravessando o limiar simbólico de seus 80, o Império Serrano celebra mais do que o tempo - celebra o gesto que o originou. A coragem de romper para existir. A lucidez de transformar indignação em beleza.

**NA SERRINHA, O TAMBOR AINDA BATE** como quem lembra: há quase oito décadas, um grupo de estivadores decidiu que também podia reger o próprio destino. E fez do samba não apenas festa, mas afirmação.

**UM IMPÉRIO NÃO PRECISA NECESSARIAMENTE** de um rei. Precisa de povo, propósito e memória. E isso o Império Serrano sempre teve de sobra.



Adélia Prado é uma das autoras que terão trechos de sua obra apresentados durante a oficina

## Mulheres que têm algo a dizer

Centro Cultural Hélio Oiticica recebe projeto que destaca grandes vozes femininas da literatura brasileira

AFFONSO NUNES

O Centro Cultural Hélio Oiticica recebe neste sábado (28) o projeto “Letras Femininas da Literatura”, uma programação que mergulha na obra de autoras fundamentais da literatura brasileira por meio de leituras dramatizadas. O encontro reúne textos de Clarice Lispector, Lygia Fagundes Telles, Carolina Maria de Jesus e Adélia Prado, interpretados pelas atrizes Cristina Pereira, Sura Berditchevsky, Dja Marthins e Biancka Fernandes.

O projeto percorre mais de um século de produção literária feminina — de Julia Lopes de Almeida, no fim do século XIX, a nomes contemporâneos — e articula literatura, teatro e reflexão crítica. Cada encontro contará com a participação de pesquisadoras e

convidadas especiais, como Ana Prado, filha de Adélia Prado.

Clarice Lispector (1920-1977) é uma das mais destacadas escritoras do modernismo brasileiro. Nascida na Ucrânia e radicada no Brasil, obteve reconhecimento literário já aos 23 anos com “Perto do Coração Selvagem” (1943), romance que abriu novas tendências na prosa brasileira com seu fluxo de consciência introspectivo. Obras como “A Paixão Segundo G.H.” (1964) e “Água Viva” (1973) consolidaram sua reputação como autora de profunda investigação psicológica e linguagem inovadora.

Lygia Fagundes Telles (1918-2022), conhecida como a “Grande Dama da Literatura Brasileira”, foi uma das nossas mais aclamadas escritoras. Sua carreira começou em 1944 com “Praia Viva” e incluiu obras como “Ciranda de Pedra” (1955) e “As Meninas” (1973), romances que exploram

a complexidade psicológica de personagens femininos e as transformações sociais do Brasil. Trabalhou também como advogada, sendo uma das poucas mulheres em sua turma de direito.

Carolina Maria de Jesus (1914-1977) é autora de “Quarto de Despejo” (1960), diário que documenta a vida em uma favela de São Paulo e se tornou referência na literatura brasileira por sua perspectiva única sobre marginalidade e pobreza. Seu trabalho trouxe visibilidade a narrativas frequentemente silenciadas.

A mineira Adélia Prado, hoje com 90 anos, é conhecida por sua poesia que mescla o sagrado e o cotidiano, explorando temas de fé, amor e identidade feminina com linguagem acessível e profunda.

Segundo o idealizador do projeto, Rogerio Cavalcante e Castro, “a proposta é ampliar o reconhecimento da produção literária feminina no Brasil e criar um espaço de encontro entre literatura, teatro e pensamento crítico”.

Para a atriz Cristina Pereira, a experiência também funciona como contraponto ao consumo superficial de conteúdo: “A oficina permite o contato mais profundo com as obras e reforça o valor da literatura em um cenário dominado por estímulos rápidos e, muitas vezes, pouco densos”.

## SERVIÇO

## LETRA FEMININAS DA LITERATURA

Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica (Rua Luís de Camões, 68 — Praça Tiradentes) | 28/3, das 13h às 18h | Entrada franca

“A oficina permite o contato mais profundo com as obras e reforça o valor da literatura em um cenário dominado por estímulos rápidos e, muitas vezes, pouco densos” **CRISTINA PEREIRA**

## ENTREVISTA | JOHANDSON REZENDE

QUADRINISTA

# ‘O papel oferece o tato, a permanência e a pausa que o digital não entrega’

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

**E**ssencial à cena alternativa da HQ carioca, conhecido ainda como animador e agitador cultural, o quadrinista e diretor de desenhos Johandson Rezende foi buscar na Realengo onde nasceu, 48 outonos atrás, inspiração para um experimento que funde literatura e ilustração: “Jambo!”. É uma evocação às clássicas revistas literárias da arte da prosa e da poesia, mas com um pé no quadrinho, terreno onde o artista visual emplacou pérolas gráficas como “Cartoondelia” e “O Pai”.

O periódico que ele tira do forno agora será lançado no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) neste sábado, das 12h às 19h. O preço é camarada: só dez merréis. Suas 32 páginas juntam escritos de 11 talentos. Cada texto recebeu uma ilustração colorida exclusiva, da grife Johandson. A seleção de escribas da primeira edição inclui Priscila Branco, Vivian Pizzinga, Danielle Schlossarek, Henrique Badke, André Salviano, Guilherme Preger, Renato Amado, Cecile Mendonca, Valéria Martins, Wagner Guimarães e George Patiño.

Ligado a publicações cultuadas, como o fanzine “Mea Culpa” e as HQs “Freak World” e “Tarja Preta”, Johandson explica a seguir qual é a geografia que está em “Jambo!”.

**O que é a “Jambo!” e o que ela carrega de “autogeográfico”?**

**Johandson Rezende** - A “Jambo!” é um projeto de resistência e afeto. É uma revista de bolso, colorida, que une 11 escritores e as minhas ilustrações para democratizar o acesso à arte. O “autogeográfico” dela está na raiz: o nome vem das reuniões que eu e meus amigos fazíamos em Realengo, debaixo de um pé de jambo. Ali, a gente criava nosso próprio ecossistema: um escambo de livros, quadrinhos, filmes e discos. Tentávamos fazer o material circular naquele pé de jambo porque o acesso oficial era difícil. A revista resgata esse DNA da troca e da sobrevivência criativa fora dos grandes eixos.

**Como você define esse corpus de artistas que milita na Jambo?**

É um mapa literário do Rio. Temos autores de diferentes zonas e realidades: desde quem compartilha minha origem, em Realengo, como o Wagner Guimarães, até escritores da Zona Sul, da Tijuca e de outros bairros. Essa mistura de CEPs mostra que a periferia e o centro podem ocupar o mesmo espaço de prestígio. É uma frente unida de produção independente.

**Zé-pereira do mundo gráfico, você vem trilhando um caminho de bravura com edições solo. O que o mundo do papel ainda te oferece no espaço da invenção?**

O papel oferece o tato, a permanência e a pausa que o digital não entrega. É um objeto que você carrega no bolso, empresta, rabisca. Viabilizar a “Jambo!”



Divulgação

“No Brasil, fazer arte não é um ato político de teimosia. Aprensi que a colaboração é o que nos mantém vivos”

**Como viabilizou “Jambo!”?**

Foi um exercício de independência pura: paguei do próprio bolso. Escolhi o formato pocket para ser barato (R\$ 10) e fácil de circular. É a prova de que não precisamos esperar por grandes editoras para colocar nossa voz no mundo.

**Qual é o Rio de Janeiro da revista e qual foi o Rio em que você nasceu e cresceu?**

O Rio da revista é o Rio do encontro, da literatura que viaja no trem e no ônibus. Eu nasci e cresci em Realengo, entre 1978 e

2006. Era um Rio de Janeiro de muita carência de recursos, mas de uma inventividade absurda. A gente criava nossos próprios mundos porque o “Rio oficial” não chegava até nós.

**O que o quadrinho te ensinou sobre viver no Brasil e resistir a este mundo? Que novos quadrinhos você prepara? E filmes animados?**

O quadrinho me ensinou que a nossa realidade pode ser redesenhada. No Brasil, fazer arte é um ato político de teimosia. Aprendi que a colaboração é o que

nos mantém vivos. Atualmente, estou participando do segundo número da revista da banda de punk horror Morceguila e já estou em pleno processo de preparação para o segundo número da “Jambo!”, além de continuar com as animações para redes sociais divulgando a música independente.

**Você foi um agitador cultural à frente do Cine Joia. O que o cinema te deu de mais potente para lidar com as artes?**

O cinema me deu o senso de narrativa e o valor do “mão na massa”. No Cine Joia, eu fui de bilheteiro a faxineiro; projetava os filmes, criava eventos com esquetes de teatro e cineclubes de clássicos. Editava a revista do cinema, organizava shows, desenhei o uniforme da equipe e fazia as animações da sala. Essa vivência me ensinou que a arte não é só o brilho. É o trabalho duro de fazer acontecer. Isso se reflete na “Jambo!”: eu cuido de tudo, do traço à viabilização. Já realizei diversas animações, com destaque para três curtas autorais exibidos no Anima Mundi, MAM, Cine Joia e no Festival de Cinema da Bahia.

# SEXTOU! UM DF DE

## PROJETO

### Balé para crianças

\*Jovens de 8 a 16 anos podem se inscrever em curso gratuito de balé clássico oferecido pela Escola de Formação de Bailarinos de Brasília, com aulas no Centro de Dança do DF. As atividades ocorrem de segunda a sexta-feira, com duração de duas horas por dia, para iniciantes e nível intermediário. Alunos aprovados recebem uniforme e sapatilhas. As inscrições seguem até 28 de março, e a seleção ocorre por audição presencial em 29 de março. O cadastro deve ser feito pelo Instagram oficial da escola, por meio do link disponível na bio.

### Projetos dos 60+

\*Pessoas com mais de 60 anos têm encontrado na arte um espaço de convivência e aprendizado por meio do projeto ARTERidade, realizado no Espaço Cultural Mapati, na Asa Norte. A iniciativa oferece oficinas de teatro, expressão corporal com circo e bordado, estimulando criatividade, movimento e interação social. As atividades ocorrem ao longo de 2026 e incentivam o fortalecimento de vínculos e o bem-estar dos participantes. O projeto é voltado ao público 60+ e busca ampliar o acesso à cultura e à participação artística na maturidade.

### Convocação artística

\*O 9º Festival Mestres e Mestras de Circo abre inscrições de 5 a 12 de abril para selecionar quatro números cênicos que integrarão dois cabarés circenses em Brasília, com duas vagas destinadas a artistas com deficiência. O evento será realizado de 29 a 31 de maio, com atividades gratuitas em diferentes regiões do Distrito Federal e participação de artistas do Brasil e da América Latina. A edição homenageará os palhaços Mestre Mandioca Frita e Xamego e reforça a valorização da cultura circense e o intercâmbio entre artistas.

### Expo Favela

\*A Expo Favela Innovation Brasília 2026 será realizada nos dias 25 e 26 de abril, no estacionamento do Sesc Ceilândia, com o tema "Oportunidade de negócio na sua quebrada". As inscrições gratuitas já estão abertas para empreendedores interessados em participar da feira, que reúne negócios, debates e workshops. O evento che-



Divulgação

As inscrições ficam abertas até o dia 28 de março



Divulgação

Projeto ARTERidade

ga à 4ª edição como espaço de conexão entre empreendedores, investidores e público, além de premiar o negócio vencedor com R\$ 15 mil e garantir vaga para cinco finalistas na etapa nacional, em São Paulo.

### Projeto Sabiá

\*A 4ª edição do Projeto Sabiá promove 12 oficinas gratuitas de leitura, criatividade e contação de histórias para crianças de 6 a 10 anos da rede pública do DF. Inspirada no livro "Sabiá", da autora Adriana Nunes, a atividade une literatura, música e artes manuais em experiên-

cias lúdicas e sensoriais. As oficinas ocorrem de 25 a 27 de março de 2026, na Escola Classe Colônia Agrícola Vicente Pires. A iniciativa tem apoio do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal e busca incentivar o interesse pela leitura desde a infância.

## TEATRO

### "A Máquina Desejante"

\*O espetáculo gratuito "A Máquina Desejante" entra em cartaz de 8 a 12 de abril no Teatro Sesc Paulo Autran, em Taguatinga. A obra híbrida mistura



Divulgação

9º Festival Mestres e Mestras

teatro, música e instalação para refletir sobre a existência humana, com apresentações voltadas a escolas e ao público em geral. As sessões abertas ocorrerão em 11 e 12 de abril e contarão com campanha de arrecadação de leite para doação ao Abrigo dos Excepcionais de Ceilândia. O projeto tem recursos do FAC-DF, conta com acessibilidade em Libras e audiodescrição e não é recomendado para menores de 14 anos.

### 20 filmes no Chá da Tarde

\*O espetáculo gratuito "20 Filmes no Chá da Tarde" será

apresentado em 25 de março, às 10h e 11h, no CEM 3 de Taguatinga. A comédia homenageia a sétima arte ao contar a história de um casal que relembra 20 filmes marcantes enquanto revisita a própria relação. A peça, livre para todos os públicos, conta com recursos do FAC-DF e oferece acessibilidade com audiodescrição e Libras. Sucesso desde 2024, o espetáculo combina humor e referências ao cinema em uma narrativa leve e nostálgica.

### Páscoa com musical

\*O Boulevard Shopping





# VERDADES EM ERUPÇÃO

Em 'Pompeia Sob as Nuvens', o documentarista retrata o cotidiano de quem vive à margem do vulcão Vesúvio

Gianfranco Rosi

Um dos documentaristas mais premiados da atualidade, Gianfranco Rosi lança 'Pompeia: Sob As Nuvens', retratando uma Nápoles além da lava e das notícias, renovando o gênero de não-ficção

**RODRIGO FONSECA**  
Especial para o Correio da Manhã

**V**ulcões atraem o olhar crítico de Gianfranco Rosi não pelo risco de uma erupção iminente, mas pelo que revelam sobre as vidas em seu entorno. Espaços urbanos são um tecido humano e é de gente que fala a obra desse popstar do real, consagrado com o Urso de Ouro da Berlinale (por "Fogo no Mar", em 2016) e com o Leão de Ouro veneziano, conferido a seu "Sacro GRA", em 2013. A gente que estrela sua longa-metragem mais recente, "Pompeia: Sob as Nuvens" ("Sotto Le Nuvole") - documentário laureado com o Prêmio do Júri de Veneza, em setembro - é a população localizada entre o Monte Vesúvio e o Golfo de Nápoles.

A partir desta sexta (27), via MUBI, internautas do Brasil todo podem conferir o que esse território, de atividade vulcânica intensa... e quente, revelou ao documentarista ítalo-americano nascido na Eritreia, há 62 anos. Ali, o solo treme periodicamente e as fumarolas dos

Campos Flégreos contaminam o ar. A partir de vestígios da História, numa cartografia das memórias de um mundo subterrâneo, num registro em preto e branco de uma elegância plástica singular, emerge uma Nápoles menos conhecida, polifônica.

"Eu ponho meus olhos na câmera da mesma forma que um cientista observa um corpo num microscópio, assumindo que o documentário funciona, antes de tudo como uma ferramenta de investigação. As histórias que eu conto se desvelam para mim com o tempo, a partir de um convívio com os objetos. Nápoles está lá, diante de mim, como um espaço concreto. O que eu preciso é perceber o que parece não estar lá", explicou Gianfranco ao Correio da Manhã em entrevista via Zoom.

Retratada múltiplas vezes pelo cinema italiano como sendo uma região assolada pela Máfia, Nápoles lida com os vulcões à sua volta como parte indispensável de sua paisagem. O ritmo do povo local, em seu cotidiano, segue inalterado, apesar do acidente geográfico ao redor e das cinzas que ele pode gerar... além da lava que pode derramar. Em meio ao



fluxo econômico da cidade, arqueólogos removem com cuidado séculos de poeira para revelar fragmentos da História, de tempos antigos que a lava destruiu. Paralelamente, crianças recitam lições enquanto a terra vibra sob seus pés. Bombeiros permanecem de prontidão, à espera do próximo chamado. É sempre assim por lá. É uma rotina que, em sua repetição, dava filme.

"O vulcão é uma máquina viva. O vulcão é como uma divindade no campo. É como Shiva, o deus destruidor e regenerador", explica Gianfranco. "Existe um espaço 'fora de quadro' que serve de base para o filme. Nápoles, para mim, é um enorme espaço repleto de coisas que não são vistas. Tudo está lá, mas por baixo da terra. Há um mundo incrível que está por baixo do relevo, e é isso que se tem de descobrir: o que está sob das aparências. É por isso que gosto de trabalhar com a câmera fixa, para concentrar a narração

dentro daquele enquadramento. Tenho uma única sequência em movimento nas cenas, com um trem".

No [www.mubi.com](http://www.mubi.com), encontra-se um outro longa de Gianfranco, "Notturmo" (2020), que saiu ovacionado do Festival de Veneza, levando um prêmio especial da Unicef pelo humanismo em sua colagem de diferentes formas de se lidar com a violência e a fé nos desígnios do Estado Islâmico. Na sequência, ele filmou "In Viaggio", calcado nas jornadas do Papa Francisco (1936-2025), que excursionou por 37 países, do Oriente Médio, pela América, África e Sudeste Asiático, discutindo temas centrais da atualidade - pobreza, natureza, migração, guerra e intolerância - em suas homilias. O diretor partiu dos sermões do Sumo Pontífice para analisar como suas palavras refletem a realidade. Paralelamente, nasceu o périplo que gerou "Pompeia: Sob as Nuvens", que, como de costume, exige do rea-

lizador múltiplas destrezas, uma vez que ele trabalha majoritariamente sozinho, chegando a operar a câmera e registrar o som - fora escrever o roteiro e cuidar da produção. Nessa função, aqui, ele não esteve sozinho.

O filme já na MUBI é produzido por Donatella Palermo, Paolo Del Brocco, 21Uno Film srl e Stimal Entertainment srl, com Rai Cinema. A montagem é de Fabrizio Federico, em colaboração com Joe Bini, e a trilha sonora é do vencedor do Oscar Daniel Blumberg.

"Gosto, na minha área, de revelar a complexidade da História, a complexidade do mundo em que vivemos. Por isso, para mim, é sempre um desafio deixar um espaço para a interpretação, jogando sempre com o que fica 'fora do quadro', além da imagem filmada, para deixar a ideia do que não está lá em discussão. É aí que reside o futuro da realização de documentários hoje em dia: inverter uma certa realidade, transformar a



# Um brinde à saudade

Bar do Davi, CEP de iguarias, acolhe no domingo a projeção de 'Fôlego – Até Depois Do Fim', registro tocante da família Rebello, clã de Jorge Fernando; sua mãe, Hilda; e o sobrinho, João



Divulgação

**RODRIGO FONSECA**

Especial para o Correio da Manhã

O ásis gastronômico do Rio, com as caipirinhas mais inovadoras da cidade, o Bar do David vai virar cinema neste domingo, servindo de ponto de encontro para as saudades que pavimentam o documentário "Fôlego – Até Depois do Fim". A produção terá uma exibição especial, gratuita, neste 29/3, às 18h, na comunidade do Chapéu Mangueira, no Leme. Com direção de Candé Salles, sua narrativa celebra as ausências da - sempre presente - família Rebello na arte carioca. A sessão acontece no dia em que um dos integrantes mais ilustres desse clã, o diretor e ator Jorge Fernando (1955-2019), completaria 71 anos.

Sua sobrinha, a atriz Maria Carol Rebello, idealizadora do longa-metragem, é quem narra essa história. Fala do tio; fala da avó, a atriz Hilda Rebello (1924-2019); e fala do irmão, o multiartista João Rebello Fernandes (1979-2024), também conhecido como John Woo e DJ Vunje, assassinado por engano, na Bahia.

Protagonista do magistral "Miramar" (1997), de Júlio Bressane, João foi executado por criminosos na noite de 24 de outubro de 2024, em Trancoso, distrito turístico baiano. As investigações apontaram que ele foi assassinado por engano. Ator-mirim de sucesso na TV Globo, o DJ vivia naquele local e não tinha envolvimento com a criminalidade. O alvo da ação criminosa era um outro homem, que tinha um carro



Divulgação

João Rebello e Jorge Fernando em cena do documentário

Roteirista do longa de Candé, Maria Carol Rebello revisita suas recordações familiares

“Com o luto, eu me afoguei na saudade e nas minhas memórias. Na busca por... fôlego... nasceu a vontade de contar a história da minha família” **MARIA CAROL REBELLO**

parecido com o dele e estacionava frequentemente no local onde o artista foi acesoado.

“A arte me educou e segue me salvando. Dentro de nossa casa, tudo era permeado por arte, o tempo todo”, lembra Maria Carol, em depoimento ao Correio da Manhã. “Via meu tio criar; minha mãe produzir os trabalhos dele; minha avó e meu irmão fazendo novelas. Tinha sempre música brasileira tocando. Os artistas eram os amigos que fre-

quentavam nossa casa. A criatividade sempre foi naturalmente estimulada. Com o luto, eu me afoguei na saudade e nas minhas memórias. Na busca por... fôlego... nasceu a vontade de contar a história da minha família.”

O afeto de Candé por João perpassou toda a vida do diretor e produtor. “John Woo era meu melhor amigo. Nós nos conhecemos quando eu tinha 19 anos e seremos melhores amigos até depois do fim.

Eu que lhe dei o apelido de John Woo. Ele foi o primeiro garoto que me interessou de verdade, com seus assuntos e suas ideias. Por eu ser gêmeo de uma garota, sempre tive preguiça dos garotos da minha idade. Woo me fez mudar isso. Seus pensamentos e suas atitudes fizeram dele imediatamente meu melhor amigo, meu confidente. Quando teve o boom da música eletrônica íamos aos clubes atrás de nossos DJs favoritos. Quantas e quantas vezes fomos a SP atrás de um Dj gringo. Woo virou DJ e dos bons. Incontáveis as festas que fizemos juntos”, explica o realizador de “Fôlego – Até Depois do Fim”, que passou pelo Festival do Rio, em outubro.

“Os Rebello sempre foram pra mim também minha família. Eu já possuía uma vontade de fazer um documentário sobre o Jorge Fernando e, eu e Woo, conversávamos sobre isso. Sempre tive a ideia de a Carol narrar. Quando aconteceu a tragédia com o Woo, eu percebi que

deveríamos contar a história da família toda.” acrescenta o diretor.

Para ajudar a contar a história de sua família, Carol e Candé selecionaram e convidaram alguns nomes para depoimentos marcantes no documentário. Xuxa, Cláudia Raia, Ney Matogrosso, Marcelo D2, Tony Ramos, Guel Arraes, Silvio de Abreu, Patrícia Travassos e Mariana Ximenes são parte desse coletivo, que relembra saudosamente passagens com Jorginho (como Jorge Fernando era carinhosamente chamado por seus amigos), D. Hilda e João. Responsável pela direção de arte de “Fôlego”, Candé chamou André Hawk para a fotografia e contou com a mesmerizante montagem de Guilherme Schumann para costurar recordações.

“Fizemos um .doc confessional”, explica o diretor.

Ao revisar o legado que herdou de seus parentes, Maria Carol ressalta o amor e o respeito pelo ofício de ser artista, lembrando que, em seu lar, “nunca teve deslumbre ou glamour”.

“Ser artista e fazer arte sempre foi um trabalho, algo a ser feito com estudo, seriedade, muito amor e desejo por essa profissão. Minha avó, principalmente. Ela era uma operária da arte mesmo. Levava a sério o sonho que ela sempre sonhou, de ser atriz”, diz a atriz. “Acho que herdei do meu tio a inquietude. Não fico parada! Estou sempre inventando algo pra produzir, aprender e agora escrevo. Voltei a fazer novelas, estou captando patrocínio pra produzir dois espetáculos, um deles um infantil em homenagem ao Jorge e quero retomar minhas aulas de sapateado”.

## CRÍTICA FILME | ELES VÃO TE MATAR

POR PEDRO SOBREIRO

# O 'Kill Bill' dos tempos modernos

Uma proposta de emprego tentadora para trabalhar em um hotel de luxo em Nova York oferece aos interessados uma chance de recomeçar na vida. Aberta a imigrantes, pessoas sem experiência prévia e até mesmo com passagem pela cadeia, a vaga parece boa demais para ser verdade, não é? Com base nessa premissa, 'Eles Vão Te Matar', novo terror da Warner, chegou aos cinemas com uma pegada ousada e ridiculamente divertida.

A trama acompanha a jovem Asia Reeves (Zazie Beetz), uma ex-presidiária que é contratada pelo hotel. Em sua primeira noite, ela descobre do pior jeito possível que os hóspedes sacrificam as almas dos funcionários ao demônio para manterem o pacto pela imortalidade. Porém, a moça não será presa fácil. Armada com um facão

- e praticamente qualquer objeto cortante que encontrar pela frente -, Asia começa a caçar os hóspedes um por um. Só que tem um problema: como matar alguém imortal?

Diante desse desafio, a protagonista não vê outra opção além de derrubar os servos até conseguir enfrentar o próprio diabo para acabar com a farra dos ricos sem noção.

'Eles Vão Te Matar' talvez seja o mais Tarantinesco filme do ano. Com forte inspiração no icônico 'Kill Bill', o longa usa e abusa dos efeitos práticos para criar algumas das cenas de ação mais divertidas, empolgantes e sangrentas do ano. Membros decepados, cabeças explodidas e até mesmo um olho espião, que perambula pelos dutos de ar, tomam conta da tela em um dos filmes mais surpreendentes de 2026.

Escrito e dirigido pelo russo Kirill Sokolov, o longa consegue



Divulgação/Warner Bros. Pictures

*Asia Reeves está presa em um hotel centenário que esconde uma seita de ricos que fizeram um pacto com o diabo pela imortalidade*

mesclar com maestria o humor politicamente incorreto à ação e aos elementos de terror B que permeiam toda a trama. E a direção desse filme é sensacional. Usando e abusando da 'Dolly Zoom', Kirill traz elementos dos terrores clássicos para criar uma sensação incômoda em meio a essa aventura com jeitão de videogame. Mais do que isso, por ser completamente

ambientado dentro do hotel, Sokolov explora os diferentes andares desse monumento ao satanismo para mostrar as 'excentricidades' dos ricos, enquanto Asia tenta escapar. É um filme que não aposta em 'jumpscare', mas consegue causar incômodo por meio da sensação de perigo constante que ronda a protagonista.

Um dos momentos mais espetaculares do longa é uma sequência ambientada em um quarto escuro, na qual a protagonista usa um machado em chamas para atacar os inimigos, iluminando a tela com os corpos incendiados. É de tirar o

fôlego!

Além do mais, a Asia de Zazie Beetz é fenomenal. A protagonista é forte, obstinada e uma verdadeira máquina de matar. Ela faz o diabo cobrir os pés quando vai dormir à noite, e o momento de enfrentamento deles é indescritível. Um dos papéis mais incríveis dessa grande atriz que ainda busca uma franquia para chamar de sua. E pode ser que tenha encontrado aqui.

No fim das contas, 'Eles Vão Te Matar' traz esses elementos do horror, mas cativa mesmo por ser um dos melhores filmes de ação dos últimos tempos.

## CRÍTICA FILME | O OLHAR MISTERIOSO DO FLAMINGO

POR RODRIGO FONSECA

# O deslumbre contra a intolerância

Interseção rara de ternura e ressaca, "O Olhar Misterioso do Flamingo" rendeu ao Chile uma das vitórias mais expressivas de seu cinema, em terras estrangeiras: a conquista do Prix Un Certain Regard, dado pela mostra homônima do Festival de Cannes, paralela à corrida pela Palma de Ouro. O Brasil tem um prêmio desses também, conquistado por Karim Ainouz, em 2019, com "A Vida Invisível". Evoca-se o longa-metragem do artesão cearense aqui por ele comungar da mesma hóstia consagrada que o tocante "La Misteriosa Mirada Del Flamingo": o

melodrama.

Diego Céspedes, seu realizador, nada de braçada nas águas que os folhetins estetizaram para recriar um mundo em que o lirismo do palco, associado de longe ao perfume do sexo, acendia uma vela à esperança num tempo de mortes em série, ao redor de um cabaré. A causa dos perecimentos: a Aids.

Céspedes é um estreante em longas, conhecido pelos curtas-metragens "Las Criaturas Que Se Derriban Bajo El Sol" (2022) e "El Verano Del León Eléctrico" (2018), instalado num registro queer. Opera em "O Olhar Misterioso do



Divulgação

*O Chile de Lidia e de Flamingo é um espaço de acolhimento*

Flamingo" na margem do realismo seco, de paisagens arenosas esturricadas, com gente suarenta, enquadradas na direção de fotografia de Angello Faccini numa luz cálida. A direção de arte esplendorosa (com adereços de Nicolás Roses) serve de contraponto, como se fosse uma

instância tátil de delicadeza pura, quase como um oásis (literalmente) no deserto. Sua trama volta no tempo a 1982, numa isolada cidade mineradora dos cafundós do Chile, onde a pequena Lidia, uma menina de 11 anos (interpretada por Tamara Cortes) vive sob a proteção das artistas e gerentes de um clube de performers trans e travestis.

Uma doença desconhecida - e mortal - começa a se espalhar pelos arredores. A moléstia passa a infectar mineiros machistas que se deliciam em transas com as "celebridades" daquela casa de espetáculos, mas, por homofobia e transfobia, negam o prazer publicamente. Em meio à infecção, a hipocrisia pede passagem e esses profissionais das minas passam a atacar o clube, alimentados pelo rumor de que o contágio aconteceria por meio de um simples olhar. Com o medo se instaurando, a "mãe" de Lidia, a estonteante Flamingo (Matias Catalán, em doída atuação), tenta proteger a menina de todas as formas, ao passo que a veterana Mama Boa (Paula Dinamarca) luta para sobreviver.

Numa condução meticulosa das cartilhas melodramáticas do afeto, Céspedes não demarca traços oitentistas. O filme parece se passar hoje, pois a intolerância do passado ficou, germinou e deu frutos amargos... que matam.

## CRÍTICA TEATRO | HÉTERO SIGILO

POR CLÁUDIO HANDREY - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

**A**o sofrer preconceito dentro da igreja, ao lado de seu namorado, Bernardo Dugin processa o padre, e a partir daí idealiza e escreve seu monólogo “Hétero Sigilo”, com dramaturgia esmerada e oportuna. O texto aborda a violência heteronormativa, na qual a diversidade sexual e de gêneros é marginalizada, cuja agressividade ainda perpetua-se, punindo condutas de toda comunidade LGBTQIAPN+. Num duplice posicionamento muito apropriado, o autor/ator transita com tranquilidade entre dor e humor, revelando uma construção social, onde homens gays anulam-se para conviverem e tornarem-se aceitos numa sociedade homofóbica. Fabrica uma reflexão fundamental sobre o apagamento da identidade.

João Fonseca encarrega-se para que tudo dialogue perfeitamente. Conduz com sabedoria seu intérprete – é um acerto o tom que o ator abre e fecha o espetáculo denunciando gírias discriminatórias, cria marcas inventivas, edifica imagens teatrais como na luta esportiva da personagem, além da delicada cena de amor no carro, com absoluta precisão. O diretor abrilhanta-se norteando apenas um artista, coisa rara em teatro.

Seguro, Bernardo Dugin desenha uma interpretação repleta de sensibilidade. Há uma sofisticação na maneira que desloca-se, com apoio de uma eficiente movimentação de Vanessa Garcia, e expõe

# Revelações LGBTQIAPN+



Nil Caniné/Divulgação

Seguro em cena, Bernardo Dugin desenha uma interpretação repleta de sensibilidade

as palavras. Nada é vulgar, mesmo quando relata narrativas sexuais, imprimindo graça e muitas vezes

sofrimento, concomitantemente. Dono de sua própria história, o ator comove e diverte a audiência em fra-

ses como “A gente aprende a mentir antes mesmo de aprender a amar”. Em momentos emociona-se na seu

estado confessional.

A instalação de um espermatozoide aéreo, em total sintonia ao contexto, preenche o espaço cênico, além de cadeiras e mesa compondo o cenário potente de Nello Marrese. O figurino, do mesmo, é amarronzado, parecendo buscar uma ideia da obscuridade que encontra-se a personagem, com uma sobreposição clara libertando e aprofundando os sentimentos. A trilha e direção musical de Federico Puppi é perspicaz. Os efeitos lumináres de Daniela Sanchez agrega poderosamente à encenação, um dos pontos altos do espetáculo, favorecendo dinâmica e estofamento dramático. Elipsoidal de chão revela, magicamente, o soflagrante de ejaculação valorizando a proposta cênica.

Diante da segunda década do terceiro milênio ainda precisamos lutar para estagnar a intolerância. Vítima de bullying desde jovem, o artista apaixonara-se por teatro e dança, mas precisava fazer um pacto de silêncio, esconder seus desejos em detrimento à uma sociedade hipócrita e machista. Hoje Dugin orgulha-se de ser quem é e presenteia o público com um questionamento que vai muito além de seus percalços pessoais. “Hetero Sigilo” é mais um grito de liberdade e consciência para que possamos alcançar um mundo mais humano e igualitário.

**SERVIÇO****HÉTERO SIGILO**

Teatro Laura Alvim (Av. Vieira Souto, 176 - Ipanema)  
Até 29/3, sexta e sábado (20h)  
Ingressos: R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

**NA RIBALTA**

POR AFFONSO NUNES

Rafael Catarcione/Divulgação

**Problemas maternos**

A comédia musical “Fala Sério, Mãe! – Elas só mudam de endereço”, baseada na obra de Thalita Rebouças, realiza suas últimas apresentações no Roxy neste sábado e domingo (28 e 29), às 16h30, com sessão extra no domingo às 14h. A montagem, com 30 artistas em cena, combina teatro, música e cenografia digital. Thalita Rebouças atua pela primeira vez em mais de duas décadas, interpretando a personagem Ângela Cristina. A produção reúne nomes como o diretor Abel Gomes e a diretora de produção Sheila Roza.

Divulgação

**Ballet Manguinhos em festa**

O Ballet Manguinhos celebra 14 anos com evento gratuito em sua sede, na Rua Capitão Bragança (Higienópolis), neste domingo (29) a partir das 16h. O projeto atende crianças e adolescentes oferecendo formação artística gratuita em diversas modalidades de dança. A programação inclui diversas apresentações, destacando o espetáculo “Pra Sempre Elza”, uma homenagem a Elza Soares. O grupo de dança Passinho Carioca também participa da programação aberta à comunidade, alunos e famílias. Kysha e Mine fazem o show de encerramento.

Divulgação

**Família é tudo igual**

Um dos nomes mais populares da comédia brasileira, Leandro Hassum é atração deste sábado (28) no Festival Humor Contra-Ataca, no Quilistage. No espetáculo “É Noix Família”, Hassum mergulha no universo familiar para mostrar, com muito humor e identificação, que o famoso ditado “família é tudo igual, só muda o endereço” faz todo sentido. No palco, o comediante transforma histórias e memórias de sua própria casa em situações divertidas que facilmente poderiam acontecer com qualquer pessoa. Abertura: Gui Albuquerque.

NOVIDADE | **59ª FESTIVAL DE CINEMA**

POR REYNALDO RODRIGUES



Reynaldo Rodrigues

Festival será realizado de 11 a 19 de setembro, no Cine Brasília

# Distrito Federal celebra **encontros do cinema**

Abertas as inscrições para o 59º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro

**REYNALDO RODRIGUES**

Especial para o Correio da Manhã

**E**stão abertas, desde quarta-feira (25), as inscrições para a 59ª edição do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, um dos principais eventos dedicados à produção audiovisual no país.

Realizadores, diretores, produtores e demais profissionais do setor poderão inscrever obras de livre expressão e de todos os gêneros cinematográficos.

Podem participar pessoas físicas e jurídicas interessadas em apresentar produções que contribuam para o fortalecimento do cinema nacional. As inscrições seguem até o dia 24 de maio e

devem ser feitas exclusivamente pelo site oficial do evento. O festival ocorrerá entre os dias 11 e 19 de setembro, com exibições programadas no tradicional Cine Brasília, espaço histórico que abriga o evento desde suas primeiras edições.

Realizado há seis décadas, o Festival de Brasília se consolidou como o mais longo e tradicio-

nal do país, reunindo cineastas, críticos e público em torno da valorização da produção brasileira. Em 2025, a programação contou com 80 filmes, entre curtas e longas-metragens, selecionados entre 1.702 produções inscritas, demonstrando o alcance nacional do evento.

Após o encerramento das inscrições deste ano, as obras sele-

cionadas serão exibidas ao público e concorrerão às premiações previstas na programação oficial, em setembro. O evento contará com duas mostras competitivas que destacam diferentes segmentos da produção audiovisual.

**Mostra Brasília**

A Mostra Brasília será coordenada pelo Comitê do Troféu Câmara, vinculado à Câmara Legislativa, e selecionará cinco longas-metragens e dez curtas-metragens. Ao todo, a mostra contará com R\$ 298.473,77 em prêmios, a serem distribuídos pelos júris oficial e popular, com o objetivo de incentivar a produção local e regional.

**Mostra Nacional**

Já a Mostra Nacional selecionará seis longas e 12 curtas-metragens para disputar o tradicional Troféu Candango, uma das principais distinções do cinema brasileiro. Os filmes escolhidos também receberão remuneração referente ao Cachê de Seleção, fixado em R\$ 30 mil para produções de longa-metragem e R\$ 10 mil para curta-metragem.

Com programação diversificada e espaço voltado tanto para novos talentos quanto para produções já consolidadas, o festival mantém sua relevância como vitrine para o cinema nacional e como ponto de encontro para a difusão cultural e o intercâmbio entre realizadores de diferentes regiões do país.

**GIRO CULTURAL**

POR REYNALDO RODRIGUES



Divulgação

**21º Salão do Artesanato**

Entre tradição e criatividade, o 21º Salão do Artesanato – Raízes Brasileiras reúne artesãos de 21 estados e do Distrito Federal, consolidando-se como uma das principais iniciativas nacionais do setor. O evento ocorre de 1º a 5 de abril, no Pavilhão do Parque da Cidade, em Brasília, com entrada gratuita. A programação inclui exposição e venda de peças, oficinas de artesanato e gastronomia, praça temática, atrações culturais e atividades para toda a família. Realizado em Brasília desde 2008, o Salão do Artesanato soma 17 edições na capital.



Divulgação

**Palco com tramas de amor**

À beira de uma ponte, dois homens se reencontram após um longo silêncio. Entre lembranças e melodias, João e Felipe revisitam um amor marcado por dor e memórias. O espetáculo “Os nós desafinados sempre tocam uma nova melodia”, do Coletivo Levante, será apresentado em duas sessões neste fim de semana no Teatro dos Ventos. A montagem mistura música e poesia para abordar temas como luto e culpa, convidando o público a refletir sobre amor e recomeço. As apresentações serão sábado e domingo em Águas Claras.



Divulgação

**Estrela da Terra em show**

A cantora Célia Porto apresenta, em 28 de março, às 20h30, o espetáculo “Estrela da Terra – 30+” no Clube do Choro de Brasília. Acompanhada pelo Rênio Quintas Trio, a artista celebra mais de três décadas de carreira com repertório que reúne clássicos da MPB e canções de compositores locais. O show marca também o aniversário da cantora e destaca sua trajetória como uma das vozes mais representativas da cena musical da capital. Com mais de 30 anos de estrada, Célia Porto é uma das vozes mais representativas de Brasília.

# Café Som Viola celebra mulheres na música do DF

Edição especial ocorre no sábado no Museu Vivo da Memória Candanga

**MAYARIANE CASTRO**

Especial para o Correio da Manhã

O projeto Café Som Viola realiza, no sábado (28), a partir das 9h, uma edição dedicada às mulheres no Museu Vivo da Memória Candanga. A programação é gratuita e inclui apresentações musicais, roda de conversa, café da manhã colaborativo e espaço aberto para participação do público.

A iniciativa reúne as violeiras Dayane Reis e Analy Asevedo como convidadas principais. O evento integra as ações do mês e do Dia Internacional da Mulher, com foco na presença feminina na música de raiz e na valorização da viola caipira. A programação começa com um café da manhã coletivo compartilhado entre artistas e público. Em seguida, ocorrem apresentações musicais e uma roda de prosa, além de um palco aberto destinado a artistas e interessados em manifestações culturais diversas. A organização informa que o formato busca incentivar a participação direta da comunidade.

O projeto tem como objetivo ampliar o acesso à cultura por meio da música e promover a circulação de artistas locais. A proposta inclui, além da música, expressões como dança, artesanato, poesia, literatura e pintura. A realização prevê encontros periódicos no mesmo local ao longo do ano. A edição deste sábado destaca a atuação de mulheres na viola caipira.



A programação é aberta a pessoas de diferentes idades e não exige inscrição prévia

Divulgação



Café da manhã coletivo

Divulgação

“A organização prevê a realização de oito edições ao longo do ano, com datas associadas”



A proposta é consolidar o projeto como ponto de encontro

Divulgação



A edição deste sábado destaca a atuação de mulheres

Divulgação

## Destques femininos na viola caipira

A expectativa é reunir moradores das regiões do Núcleo Pioneiro e visitantes

Dayane Reis iniciou contato com a viola aos 14 anos, influenciada pelas Folias de Reis em Urucuiá.

Ao longo da carreira, atuou em diferentes estados, como Goiás, Minas Gerais, Distrito Federal e Tocantins. A artista é violeira, cantora e compositora, com três CDs lançados. Também desenvolve atividades de curadoria em eventos voltados ao sertanejo de raiz. Com 16 anos de atuação profissional, Dayane Reis participa de circuitos culturais e festi-

vais, mantendo repertório ligado à tradição da viola caipira.

Sua atuação inclui apresentações em espaços públicos e eventos culturais, com foco na difusão do gênero.

Já Analy Asevedo iniciou os estudos musicais aos 5 anos em escola especializada, onde teve orientação de professores de viola caipira. Atualmente com 16 anos, participa de apresentações públicas e programas de televisão.

A artista possui composições próprias e mantém atividades



A programação é gratuita

Divulgação

de formação musical. De acordo com a organização, a presença de Analy Asevedo integra a proposta de incentivar novos talentos e ampliar o alcance do projeto entre diferentes faixas etárias. A programação prevê espaço para interação entre artistas e público durante todo o evento.

O Café Som Viola foi idealizado pelo produtor cultural Volmi Batista, presidente emérito do Clube do Violeiro Caipira.

A criação do projeto partiu da proposta de fortalecer vín-

culos entre comunidades do chamado Núcleo Pioneiro, que abrange Candangolândia, Núcleo Bandeirante e Park Way, no Distrito Federal.

O formato adotado pelo projeto é o de encontros com café da manhã colaborativo, em que participantes podem contribuir com alimentos, produtos artesanais e apresentações culturais. A escolha do Museu Vivo da Memória Candanga como sede fixa está relacionada ao papel do espaço na preservação da história local.